



GUERRA REVOLUCIONÁRIA

Maj. Eng. WALDYR COELHO

1. INTRODUÇÃO

O mundo atual está nitidamente dividido por duas ideologias antagônicas e inconciliáveis: o comunismo e a democracia.

O comunismo é uma ideologia agressiva e expansionista e, como tal, visa a estender seu domínio a todo o mundo. Foi o próprio Lenine quem declarou, após a vitória da revolução em sua pátria, que “a Rússia assumirá imediatamente a pesada responsabilidade de levar a revolução a todo o globo, conduzindo a humanidade para o comunismo”. Julgam os próprios formuladores da doutrina marxista-leninista que a sobrevivência de tal ideologia estará sempre ameaçada enquanto o comunismo estiver cercado pelo regime capitalista. A expansão — que é da própria essência da doutrina marxista-leninista — é, pois, um imperativo, de vez que dizem eles — a revolução só terminará quando fôr implantada no mundo a “sociedade sem classes”, ou, em outras palavras, quando toda a humanidade estiver comunizada.

Por outro lado, o mundo ocidental — na defesa de seus ideais de liberdade — está decidido a conter a pretendida expansão comunista e dispõe-se a manter o “status quo” atual a qualquer custo.

Não convém aos comunistas, no entanto, a deflagração da guerra aberta, declarada, porque, de um lado, o atual estágio da ciência e da técnica proporciona meios bélicos de extraordinário poder de destruição, capazes de eliminar a humanidade inteira, e, de outro, há um aparente equilíbrio de meios nos dois blocos antagônicos. Não

há, conseqüentemente, garantia de sobrevivência para qualquer dos contendores. Seria, admitem eles, uma guerra suicida.

Quanto mais remota vai se tornando a possibilidade de eclosão de uma guerra geral — como decorrência do chamado “equilíbrio do terror” — cresce de importância para os comunistas a Guerra Revolucionária, por se tratar de uma guerra camuflada, clandestina e su-reptícia e que, por suas próprias características, permite ao bloco comunista eximir-se da responsabilidade pelo seu desencadeamento. Assim é que o imperialismo comunista vem incessantemente aperfeiçoando, atualizando e sistematizando tal tipo de guerra com o propósito de, através dela, estender seu domínio a toda a humanidade.

Se ainda restasse alguma dúvida acêrca dos propósitos comunistas de implantar sua ideologia em todo o mundo, bastariam, para eliminá-la de vez, as seguintes palavras de Mao-Tsé-Tung: “Conquistar ou neutralizar primeiro a Ásia, o que nos dará acesso ao Oceano Índico e ao Mediterrâneo, depois a África, o que nos levará ao Atlântico e tornará a Europa e o Oeste indefensáveis. Em seguida, liquidar totalmente a Europa, ou então visar a América do Sul. A América do Norte estará então à nossa mercê e a chantagem nuclear será certamente suficiente para dominá-la”.

2. EVOLUÇÃO

Em 1917, Lenine deixou a Suíça, onde se encontrava exilado e rumou para a Rússia. Levava em mente o firme propósito de derrubar o governo czarista através de insurreição popular. O lema usado para empolgar e conquistar o povo russo foi “Terra e Paz”, que se mostrou perfeitamente ajustado às aspirações máximas de seus compatriotas. Vitoriosa a revolução, foi instaurada a chamada “Ditadura do Proletariado”. Urgia então — fiel à doutrina comunista — estender a revolução a todo o globo para a implantação da chamada “Sociedade sem Classes”. Era preciso estabelecer os meios e modos de realizar tal expansão e essa tarefa ficou a cargo dos pensadores comunistas que demonstraram, ao longo dos anos, extraordinária flexibilidade. Sem jamais perderem de vista o objetivo capital — comunização de toda a humanidade — atualizaram, ajustaram e aprimoraram as táticas e técnicas de acordo com as conveniências do momento. Para Lenine, o instrumento de luta seria o Partido Comunista, constituído pela elite dirigente — minoria atuante — que se incumbiria de criar as condições propícias à eclosão do movimento revolucionário, bem como de conduzi-lo. Caberia ao PC a conquista e condução da massa proletária, para, através e com o apoio dela, implantar a nova ideologia. Mais tarde Bukarin, constatando que o desenvolvimento dos países industrializados proporcionava ao proletariado um padrão de vida altamente satisfatório e

que tal fato — como é óbvio — não favorecia a expansão da ideologia comunista naqueles países e, por outro lado, não existindo nos países semicoloniais e subdesenvolvidos o proletariado industrial da concepção marxista, introduziu modificações para contornar aquelas constatações. Estudando o assunto Bukarin chegou à conclusão de que os anseios dos povos semicoloniais e subdesenvolvidos eram nacionalistas e burgueses e que, como tais aspirações mostravam-se hostis ao capitalismo ocidental, cabia ao comunismo aproveitá-las em prol de seus objetivos ideológicos. Em 1928 o Komintern expedia a seguinte diretriz, baseada no pensamento de Bukarin:

“Se queremos acelerar o fim do capitalismo, se queremos fazer aproximar no tempo a vitória da revolução, notemos que a máquina capitalista não se nutre apenas do proletariado operário, mas também das matérias-primas. Ora, as matérias-primas estão espalhadas por todo o globo terrestre. Um levante geral dos povos privará o ocidente capitalista das matérias-primas, dos mercados consumidores dos seus produtos e levará os países burgueses ao caos econômico e o operariado à revolução social”.

É o chamado “cêrco do capitalismo”.

Posteriormente Mao-Tsé-Tung, após sua vitória na China sobre Chiang-Kai-Shek, ampliou ainda mais o campo de ação da guerra revolucionária, ao estabelecer que a revolução poderia ter por base a massa camponesa, incorporando, assim, ao termo proletariado da terminologia comunista — que abrangia apenas o proletariado urbano — o trabalhador rural. E foi além Mao-Tsé-Tung quando declarou, após pesquisar as razões de alguns insucessos da guerra revolucionária:

“A nossa guerra será perdida tal qual a concebeis. Perdida porque não tendes em conta um caráter essencial, porque lhe falta um caráter essencial: esta guerra é uma guerra total. Ela é total porque cada indivíduo é um objetivo da guerra revolucionária, porque tôdas as atividades de um Estado, de uma sociedade, contribuem para criar nesse indivíduo, objetivo da guerra revolucionária, um estado de espírito. Em consequência, tôdas as atividades de um Estado, de uma sociedade, devem ser consideradas e fundamentadas em função da guerra revolucionária”.

Nos dias atuais, ocorre um conflito ideológico entre a URSS e a China, devido às discordâncias entre os pensamentos estratégicos dos dois países. A URSS adota a estratégia da expansão do comunismo através da Coexistência Pacífica e as Guerras de Libertação Nacional. A China não aceita a Coexistência Pacífica e propugna pela expansão do comunismo por meio das Guerras de Libertação Nacional — às quais dão maior apoio — e da guerra final entre o comunismo e o capitalismo. Observa-se, porém, que o objetivo de

ambos os países é o mesmo, qual seja a implantação do comunismo em todo o mundo. O instrumento de que se valem para atingir tal fim é a Guerra Revolucionária, cujo desenvolvimento apresenta — como veremos mais adiante — duas alternativas: a derrubada do governo e do regime por meios pacíficos, que a URSS, mais prudente, preconiza e a tomada do poder por meios violentos, única solução viável para a China de Mao-Tsé-Tung.

3. CONCEITUAÇÃO

O EMFA recomendou e o EME determinou a seguinte conceituação de Guerra Revolucionária:

“É a guerra interna, de concepção marxista-leninista e de possível adoção por movimentos revolucionários diversos que, apoiados em uma ideologia, estimulados e até mesmo auxiliados do exterior, visam à conquista do poder através do controle progressivo, físico e espiritual, da população sobre que é desencadeada, desenvolvendo-se segundo um processo determinado, com a ajuda de técnicas particulares e da parcela da população assim subvertida”.

4. CARACTERÍSTICAS

a. A GR é uma guerra **interna**, ou, em outras palavras, não é uma guerra entre países. Difere fundamentalmente da guerra clássica porque não ocorre, na GR, a luta entre as Forças Armadas das nações em oposição.

b. A GR é de **concepção marxista-leninista**, porém, doutrinariamente, não constitui instrumento apenas do expansionismo comunista. Pode ser adotada por movimentos revolucionários apoiados em ideologia diferente daquela. No quadro da conjuntura mundial da atualidade é, no entanto, a ideologia comunista que se apresenta em condições de empregá-la.

c. O campo de ação da GR é fundamentalmente a **mente humana**. A minoria atuante que a conduz, apoiada em técnicas próprias, busca, de maneira sutil e progressiva, a conquista do pensamento do homem, inicialmente como indivíduo, a seguir como grupo social e finalmente como nação. A derrubada do governo e a implantação do novo regime é alcançada com o emprego da parcela da população convenientemente “trabalhada”. A conquista e o domínio da população constitui-se, pois, na componente mais importante do GR.

d. A GR é uma guerra **total**, porque desenvolve-se em todos os setores da vida humana. Visa o domínio físico, moral, intelectual e espiritual da população e, para atingir seus fins, tudo é permitido; nada é vedado. Não admite preconceitos éticos ou morais. Utiliza-se

com desembaraço da subversão, da corrupção, da traição, da cizânia, do terror, da ambição, da delação, etc...

e. A GR é uma guerra **global**, porque visa o domínio de toda a humanidade. Seu campo de batalha é o mundo e seu objetivo final é a destruição do regime capitalista privado e a subsequente substituição da atual sociedade, fundamentada no homem-indivíduo, por uma nova sociedade, estruturada na Massa-Estado.

f. A GR é uma guerra **permanente**, porque só terminará — dizem os comunistas — com a vitória do comunismo em todo o mundo. As paradas, os recuos, os períodos de calma e as tréguas são apenas aparentes e estão enquadrados na própria tática comunista. Visam ganhar tempo para a reformulação dos planos, quando obstáculos imprevistos se antepõem aos designios do imperialismo comunista.

g. A GR é uma guerra **indivisível**, porque é única. Não existe para os comunistas uma outra forma de guerra para a implantação da doutrina comunista no mundo.

5. CONDIÇÕES PARA DESENCADEAMENTO

A GR necessita de determinadas condições para a sua eclosão, desenvolvimento e vitória final. Essas condições favoráveis poderão existir no país visando bastando, em tal caso, aproveitá-las convenientemente — ou, então, ser criadas artificialmente pelo engodo das populações, através de táticas e técnicas peculiares, apoiadas maciçamente pela propaganda.

As condições ideais para a eclosão da GR podem ser resumidas em três itens:

- existência de contradições internas;
- disponibilidade de uma minoria atuante; e
- falta de autoridade do governo.

a. *Contradições internas*

São as grandes brechas da estrutura social, política e econômica por onde se infiltra a pregação revolucionária. Tais contradições existem, principalmente, nos países subdesenvolvidos e semicoloniais, mais podem ser encontradas também em países adiantados. Podem ser de várias espécies:

- sociais: intolerância religiosa, classes privilegiadas, racismo, má distribuição da justiça, legislação trabalhista inadequada, assistência social insatisfatória, estado sanitário precário, estruturação social inadequada, analfabetismo, etc...
- econômicas: pauperismo, acentuada desigualdade na distribuição da renda nacional, desequilíbrio entre regiões geoeconômicas, remuneração insuficiente, custo de vida elevado,

inflação galopante, dependência do exterior, má distribuição de terras, etc...

- políticas; tendências separatistas, governo despótico, estruturação política inadequada, etc...

Empregando hábilmente os "slogans" que mais se ajustam às condições atuais dos países que querem dominar, tais como Nacionalismo, Autodeterminação, Neutralismo, Pacifismo, Antiimperialismo, Coexistência Pacífica, Capital Espoliativo, Reforma Agrária, Justiça Social e outros chavões tão conhecidos, os comunistas mascaram suas verdadeiras intenções e aprofundam as divergências, acentuam os antagonismos, destroem os valores morais e espirituais da nação e, quando sobrevém o caos, apossam-se do poder com o assentimento de uma parcela da população convenientemente anestesiada pelas promessas e pelos engodos.

b. Minoria atuante

É o grupo orientador, a minoria que conduz as massas aos objetivos preestabelecidos. É o grupo encarregado de conduzir a revolução. Sendo a GR, como já foi dito, desferida contra a população, é necessário conquistá-la, dominá-la e "despertá-la" para a revolução. Surge, aqui, a necessidade de líderes nacionais capazes de influenciar e empolgar as massas. Não pode haver GR sem a existência de um líder nacional. Lenine na Rússia, Mao Tsé-tung na China, Ho Chi Minh na Indochina e Fidel Castro em Cuba confirmam a necessidade imperiosa de um líder, de âmbito nacional, para polarizar a opinião pública e simbolizar os ideais revolucionários.

c. Falta de autoridade do governo

É outro fator que favorece, de muito, a eclosão da GR. Aproveitando-se da tibieza do governo, os comunistas obtêm concessões, estabelecem acórdos que lhes beneficiam, infiltram-se nos órgãos governamentais e montam um mecanismo de pressão sempre crescente. Fazem crer à população que o governo lhes teme a força e, pelo medo, vão engrossando suas fileiras. Desacreditado e desmoralizado o governo apoderam-se do poder e implantam o regime comunista.

6. TÉCNICAS

As técnicas empregadas na GR visam, de um lado, dismantelar os valores tradicionais, as crenças e as convicções da população sobre a qual é desencadeada e de outro lado, objetivam a criação de uma nova mentalidade, a implantação dos valores comunistas, a formação da nova sociedade. É como desmontar um edifício e com o material assim obtido, construir um outro, com aspecto totalmente diferente.

Tais técnicas são, normalmente, capituladas em dois grandes grupos: destrutivas e construtivas.

a. Técnicas destrutivas

(1) Intimidação

É uma técnica que alcança um efeito psicológico de grandes proporções. Solapa a autoridade governamental e obriga o poder legal a uma atitude defensiva, gerando um ambiente de apreensão, insegurança e pânico na população. Como consequência, compromete as atividades econômicas e aprofunda os desequilíbrios sociais, agravando as contradições internas existentes. Busca a destruição da estrutura político-econômico-social através de meios pacíficos ou violentos, tais como:

- comícios, desfiles e passeatas de protestos;
- greves legais ou ilegais, quer sejam justas ou injustas, de advertência, de solidariedade, de natureza política;
- resistência passiva;
- motins, depredações, agitações, tumultos populares;
- terrorismo seletivo, visando a eliminar os que não aderem e têm condições para manter a população ao lado do governo;
- terrorismo sistemático, objetivando levar o terror a uma classe ou a uma região;
- sabotagens, visando tumultuar os serviços de utilidade pública; e
- guerrilhas.

(2) Desmoralização

Essa técnica visa fundamentalmente o organismo político-administrativo-militar da nação. Faz crer à população que tal organismo está mal estruturado. Emprega todos os meios para a desmoralização das autoridades governamentais, dos partidos políticos, dos chefes militares e das elites sociais. Prega a ineficiência dos órgãos administrativos e proclama a má distribuição da justiça. Mao-Tsé-Tung aconselha:

“Desorganizai tudo o que há de bom na nação-objetivo, tentai envolver os agentes do poder dos mais altos escalões em empresas criminosas, comprometei as suas pessoas e não vos esqueçais de dar ao fato a mais alta publicidade”.

A GE adota, entre outras, as seguintes atitudes de desmoralização:

- sabotagem no serviço público e nas grandes empresas;
- notícias falsas ou tendenciosas;
- interpretação falsa de atitudes individuais;
- calúnias e pequenas inverdades contra indivíduos;

- estigmatização de classes sociais;
- ridicularização de sentimento religioso;
- deformação de patriotismo;
- deturpação da história pátria;
- enfraquecimento dos laços de família;
- negação dos êxitos;
- ampliação e divulgação dos erros;
- pregação da ineficiência da justiça;
- estabelecimento de dúvidas sobre a honorabilidade dos chefes, magistrados, etc...

A corrupção também é muito empregada pela GR, associada à técnica de desmoralização e com ela, às vezes, se confundindo. Busca além da desmoralização, o aliciamento de cúmplices. É Manuiski quem aconselha:

“Há, na América Latina, numerosos generais ambiciosos, que estão dispostos a nos dar apoio, sob a única condição que não lhes façamos guerra, de que não combatamos sua política e lhes outorguemos o nosso apoio”.

(3) **Intoxicação**

É dirigida particularmente sobre os neutros, isto é, aqueles que ainda não tomaram partido, visando mantê-los neutralizados e anestesiados para que não se decidam pela corrente democrática. É uma das técnicas mais insidiosas e solertes e tem sido definida como a técnica das “meias-verdades”. De um lado, escarnece os verdadeiros democratas, acusando-os de “entreguistas”, beneficiários da “indústria do anticomunismo”, etc., e, de outro, utiliza-se de “slogans” como autodeterminação, imperialismo, nacionalismo, etc., para acobertar suas verdadeiras intenções e intoxicar os incautos, a fim de mantê-los alheios à pregação democrática dos líderes que se aperceberam da revolução em marcha.

- (4) É utilizada para eliminar os irredutíveis, inconversíveis e neutros. Os que resistirem à intimidação e à intoxicação, são eliminados através do assassinio, das execuções em massa, das deportações, das depurações e das chamadas batalhas de aniquilamento.

b. *Técnicas construtivas*

São empregadas para a formação da nova sociedade. Compreendem:

- seleção e formação dos quadros;
- aliciamento;
- infiltração;
- enquadramento da massa; e
- edificação de novas estruturas.

- (1) Seleção e formação dos quadros

Vimos, anteriormente, que a GR busca a conquista da população para, com o apoio dela, derrubar o governo e implantar o novo regime. Para o aliciamento da população há necessidade de líderes, propagandistas, agitadores, sabotadores, agentes especiais, especialistas, auxiliares, futuros dirigentes, etc., que conheçam perfeitamente as técnicas comunistas. Daí a necessidade de selecioná-los e instruí-los convenientemente para torná-los aptos às suas missões específicas. Esse grupo de homens perfeitamente identificado com o comunismo constitui o "APARAT" e é composto por comunistas profissionais. A seleção é feita através da:

- importação de técnicos estrangeiros;
- seleção de técnicos nacionais;
- seleção de descontentes; e
- seleção de simpatizantes.

Realizada a seleção, passa-se à formação, que abrange:

- escolha e discussão da ideologia básica;
- escolha e discussão das ideologias intermediárias;
- treinamento de agitadores especializados;
- treinamento de agentes especiais;
- treinamento de auxiliares; e
- treinamento de futuros dirigentes.

(2) Aliciamento

Visa sensibilizar a população para a causa revolucionária, mascarando, porém, com a habilidade, a origem comunista do movimento. Faz uso de "slogans" e afirmativas que são contínua e incessantemente repetidos até se transformarem em verdades no consenso popular. É a chamada "impregnação psicológica" que se vale de todos os meios de divulgação a seu alcance para a catequização das mentes. Através dessa técnica, aumenta-se progressivamente o contingente de adeptos da revolução e amplia-se o quadro do "APPARAT".

(3) Infiltração

Busca o controle de órgãos, entidades e associações para melhor conduzir a subversão. É uma das técnicas mais empregadas na GR e se processa continuamente, de maneira sub-reptícia, quase despercebida, desde os primeiros estágios da GR. Aos poucos, progressivamente, os comunistas vão infiltrando seus elementos nos sindicatos, nos órgãos de divulgação, nas associações rurais, nos partidos políticos, nos órgãos legislativos e judiciários, nos órgãos governamentais, nas associações estudantis, nos órgãos de ensino, etc., até controlá-los ou, pelo menos, exercerem nos mesmos alguma influência. Realizam nêles intensa e dissimulada campanha revolucionária e valem-se de alguns deles para a difusão do movimento na massa.

(4) Enquadramento da massa

Para a conveniente manipulação das massas, é necessário enquadrá-las, controlá-las e exercer sobre elas um completo domínio. Esse papel gigantesco e fundamental para o desenvolvimento da GR é reservado às chamadas "Hierarquias Paralelas", que são uma intrincada rede de orga-

nismos que se justapõem, clandestinamente, às hierarquias da ordem legal, em todos os setores de atividade, em todos os escalões, cobrindo todo o país. São estruturados em células, cujos componentes se infiltram nos órgãos e organizações existentes, após o que passam a esva-ziar a autoridade constituída a tumultuar o seu funcionamento, a aliciar novos adeptos para a causa revolucionária e a pregar a subversão. Exercem controle cerrado sobre os indivíduos e os pressionam privando-os de sua vontade própria ao mesmo tempo que lhes apontam os caminhos da revolução. Criam as chamadas "Organizações de Fachada" com objetivos aparentemente sadios e montam, junto a elas, as mesmas células, com os mesmos objetivos, para, dessa maneira, cobrirem todos os campos, de modo a não escapar ninguém de seu controle. Dêsse modo, o enquadramento vai se tornando mais efetivo e mais impiedoso à proporção que a rede de organismos vai se ampliando, até que o controle atinge a todos os indivíduos, quer no local de trabalho, quer na escola, quer no clube, quer no bairro onde reside, etc. Assim é que os comunistas, com solerte habilidade, valem-se dos órgãos dos poderes legais, das Forças Armadas, dos sindicatos, das organizações estudantis, das associações rurais, das sociedades esportivas, das chamadas frentes nacionais (de libertação, parlamentares, etc.), das associações pró-paz, das associações femininas, das organizações de juventude, das associações dos amigos de bairros, dos centros culturais, etc., aos quais justapõem suas células — do serviço de segurança, das organizações de massa, administrativas, do Partido, etc. — passando a influenciá-los ou controlá-los. Com tal organização convenientemente estruturada e rigidamente disciplinada, ficam em condições de, mediante a substituição dos detentores legais dos cargos pelos seus correspondentes comunistas das "Hierarquias Paralelas", exercerem o comando do país.

(5) Edificações de novas estruturas

Visa edificar a sociedade revolucionária. Para tal, organizam-se as "Bases de Apoio" que se multiplicam e dão origem às "Zonas Liberadas", controladas pelos comunistas. Sobrevém então a queda do governo, seguida da formação de um novo governo, que normalmente não é comunista, mas sim controlado pelos revolucionários. A seguir implanta-se o novo regime e, por fim, ocorre a satelitização.

7. FASES

Costuma-se dividir a GR em fases, tão-somente para facilitar a sua compreensão não há rigidez em tal faseamento, uma vez que o processo revolucionário é contínuo e as fases, de acordo com as circunstâncias, muitas vezes se interpenetram e se superpõem. Admite-se que o processo revolucionário se desenvolve em três fases:

- conquista do apoio da população;
- preparo dos elementos para a ação em força (se necessário); e
- criação do clima revolucionário, derrubada do governo e do regime.

a. *Conquista do apoio da população*

Nesta fase desenvolvem-se as seguintes atividades:

(1) Criação de um núcleo de revolucionários profissionais — APPARAT — que se encarregará de dar partida à subversão e iniciar o processo revolucionário.

(2) Infiltração e aliciamento

Os comunistas infiltram-se nas organizações selecionadas — sindicatos, órgãos de ensino, associações estudantis, Forças Armadas, órgãos de divulgação, Partidos políticos, Congresso, Assembléias Legislativas, Poder Judiciário, órgãos governamentais, etc. — e são criados outros organismos para ampliar a ação subversiva. Desencadeiam uma campanha visando difundir a ideologia revolucionária na massa, a qual, valendo-se da técnica da impregnação psicológica, alicia novos adeptos que vão reforçar seus quadros e engrossar suas fileiras.

(3) Enquadramento da população

As massas, submetidas à técnica de aliciamento e à subversão desencadeada pelos comunistas, são progressivamente enquadradas e controladas pelas “Hierarquias Paralelas”.

(4) Verificação

Objetiva constatar o grau de enquadramento alcançado, a eficiência do sistema montado, o estado de obediência das massas submetidas. A verificação é realizada através de campanhas de reivindicação de salários, memoriais, passeatas, concentrações, etc.

b. *Preparo dos elementos para a ação em força* (se necessário)

Visa a montagem de uma organização apta para realizar a tomada do poder por meio de ações violentas, em força.

As atividades mais características desta fase são as seguintes:

(1) Seleção e preparo de líderes

A seleção objetiva escolher indivíduos que possuam aptidões para comandar grupos que se empenharão em ações violentas. Esses líderes surgem naturalmente nos “quebra-quebras”, nos tumultos, nas escaramuças com a polícia, etc.

O preparo é feito através de treinamento intensivo em curso realizado normalmente em países estrangeiros (Cuba, Tcheco-Eslováquia, Rússia, etc.);

(2) Montagem e adestramento de uma organização paramilitar

Para a montagem da organização paramilitar, valem-se os comunistas das “Hierarquias Paralelas”, do PC e das organizações e associações de todos os tipos por eles já controladas.

O adestramento é realizado através de cursos especializados onde são formados os chamados “Grupos de Choque” e os “Guerrilheiros”, aqueles destinados a operações em áreas urbanas e estes nos meios rurais. Surgem as pequenas BASES, onde são preparados os guerrilheiros e estoca-se material bélico.

(3) Obtenção de material bélico

É alcançada principalmente através do contrabando e do desvio de armas e munições das Forças Armadas e das Polícias Militares.

(4) Verificação

Surge, outra vez, a necessidade de constar a eficiência da organização. Executam-se invasões de fazendas, destruição de plantações, sabotagens nos serviços de utilidade pública, motins, depredações, agitação, etc.

c. *Criação do clima revolucionário, derrubada do governo e do regime.*

Nesta fase os comunistas criam, artificialmente, com o emprêgo das técnicas já focalizadas, um clima de insatisfação e ansiedade no seio da população. Se já existem antagonismos internos, compete-lhes agravá-los, de modo a alcançarem um clima favorável à revolução. Tiram proveito de todos os problemas que surgem na vida da nação ou dos que foram criados por eles próprios. Procuram, por todos os meios, a desmoralização das instituições e das autoridades que as representam. Praticam a sabotagem, o terrorismo, impõem o medo, o pânico, a delação e geram a desconfiança no seio da população, que perde a confiança no governo e passa a temer o poder dos revolucionários. Dentro do atual pensamento soviético, busca-se, a seguir, a derrubada do governo e do regime e a satelização por meios pacíficos, quer através da vitória eleitoral — como ocorreu recentemente no Chile, sem êxito — quer através da provocação de medidas de suposta salvação nacional — Golpe de Estado, como o levado a efeito na Tcheco-Eslováquia, em 1948 — por meio de “Pressões de Cúpula e de Base”. Não sendo possível a conquista daqueles objetivos por meios pacíficos citados, busca-se a vitória através dos meios violentos. Os comunistas chineses, à frente Mao Tsé-tung, não aceitam a viabilidade da tomada do poder sem o emprêgo da violência e, por tal razão, saltam aquelas etapas no processo de evolução da GR.

A etapa seguinte é a de ações militares, com o emprêgo da organização paramilitar montada e adestrada na fase anterior (preparo dos elementos para a ação em força, se necessário). Entram em ação os guerrilheiros e grupos de choque. A “Organização Político-Administrativa” (OPA) das “Hierarquias Paralelas” assume o contrôlê de uma parte do território nacional e criam-se, assim, “Zonas Liberadas”, onde procede-se à mobilização e organiza-se o “Exército de Libertação Nacional”. Passa-se então à etapa das operações regulares, que diferem muito, das operações levadas a efeito pelos exércitos tradicionais. Quando a situação chega a êsse ponto, freqüentemente ocorre a queda do governo, tal é o grau de desagregação da nação, sem que haja necessidade de ações específicas para derrubá-lo. Forma-se, então, nôvo governo, cujo poder fica nas mãos dos comunistas. Têm

início os já tradicionais “julgamento” dos líderes democráticos e dos chamados irredutíveis e passa-se, a seguir, às execuções em massa, às deportações, etc., com o propósito de “limpar” a nação dos “indesejáveis”. Aproveitando-se da confusão reinante pela sucessão vertiginosa dos acontecimentos e diante da perplexidade da nação atemorizada, implantam o novo regime e, a seguir, impõem a satelização. É a vitória final.

8. CONCLUSÕES

a. A GR é um tipo diferente das demais guerras porque, nela não há luta aberta entre exércitos. Na definição feliz dos franceses “a GR é uma guerra abstrata contra um inimigo invisível”.

b. Não se pode pensar em se opor a tal tipo de guerra com o emprego apenas das Forças Armadas da nação. Como vimos, a GR atua em todos os campos de atividade e explora, habilmente, as contradições internas existentes. Daí a necessidade de ações efetivas e permanentes, também e, principalmente, nos campos político, econômico e psicossocial, para remover os antagonismos e imunizar a população da propaganda insidiosa comunista.

c. Há necessidade de um Serviço Nacional de Informações — em tão boa hora criado no Brasil — para localizar a subversão no seu nascedouro e propiciar condições ao poder legal de se contrapor a ela, quando ainda em seus estágios iniciais.

d. Há necessidade do fortalecimento permanente, no âmbito do Exército, dos ideais de liberdade e democracia, objetivando mantê-lo infenso a toda e qualquer pregação — ostensiva ou subterrânea — da subversão comunista. Por outro lado, é impositivo — face à agressividade do expansionismo marxista-leninista — o conhecimento pleno, pelos quadros do Exército, do mecanismo, técnicas e táticas empregados pela GR, para melhor pressenti-la e localizá-la. Mas só isso não basta. É imprescindível manter quadros e tropa, permanente e convenientemente adestrados para se oporem à GR onde e quando ela se manifestar.

9. BIBLIOGRAFIA

- LUTA CONTRA A SUBVERSÃO — Ten-Cel José A. Vaquero — Tradução do Ten-Cel Art QEMA Jonas Correia Neto.
- GUERRA PSICOLÓGICA — Antonio Carlos Pacheco e Silva.
- A GUERRA REVOLUCIONÁRIA — Theodor Arnold — Tradução do Maj Eng Alísio Sebastião Mendes Vaz.
- A GUERRA REVOLUCIONÁRIA E A SUBVERSÃO COMUNISTA INTERNACIONAL — Cel Art QEMA Oswaldo de Araujo Souza.
- ASPECTOS DOUTRINARIOS DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA — Maj Art QEMA Kleber Frederico de Oliveira.
- NE 3-65 — GUERRA REVOLUCIONÁRIA — ECEME
- 1/1.01.4 — GUERRA REVOLUCIONÁRIA E CONTRA-REVOLUÇÃO — ECEME.
- IV/1.23.1 — PANORAMA MUNDIAL — Nota Suplementar n.º 1 e 2 — ECEME.
- IV/1.24.3 — AGRESSÃO COMUNISTA — ECEME.